

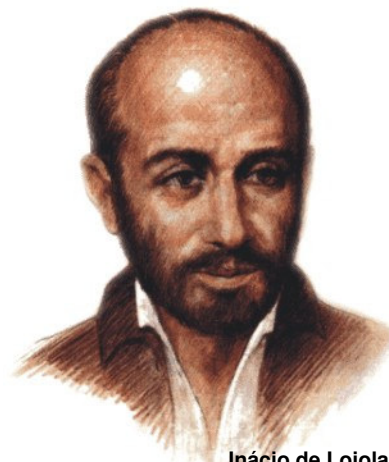
Exercícios Espirituais na vida cotidiana

No dia 31 de julho celebra-se o **dia de Santo Inácio de Loyola**, fundador da Companhia de Jesus. Para comemorar essa data e o 33º aniversário da UNISINOS realizar-se-á uma **Celebração Eucarística às 11h no Auditório Central e às 18h30min na Capela Universitária**. Santo Inácio elaborou os

Exercícios Espirituais, uma forma de confrontar a vida da pessoa com o projeto de Jesus Cristo para conseguir uma nova orientação na sua vida,

e mais tarde foram sistematizados em forma de livro. Há 5 anos a experiência desses exercícios está sendo oferecida na UNISINOS por uma equipe do Setor de Religiões, Teologia e Pastoral do IHU. O Pe.

Isidro Sallet, SJ, orientador dos exercícios explica como eles se desenvolvem. O Pe. Isidro Sallet, se especializou em Teologia Espiritual pela Pontifícia Universidade Gregoriana, em Roma. Durante 15 anos atuou como orientador espiritual dos estudantes de filosofia e teologia no Colégio Máximo Cristo Rei, em São Leopoldo. De 1980 a 1999 orientou inúmeros Exercícios Espirituais no Centro de Espiritualidade Cristo Rei – CECREI. Desde 1999, o Pe. Isidro Sallet atende no Santuário Sagrado Coração de Jesus, em São Leopoldo.



Inácio de Loyola:
Fundador da Companhia de Jesus

/

HU On-Line- O que são os Exercícios Espirituais?

Pe. Isidro Sallet- Com os exercícios espirituais, Santo Inácio propõe às pessoas se exercitarem no Espírito, à luz da palavra de Deus, para tirar a desordem que há dentro do ser humano e, tirando essa desordem, descobrir a verdade do Plano de Deus. Esse movimento interior é para

uma auto-realização que só é possível na hetero-realização com Deus. O objetivo fundamental dos Exercícios é tornar o ser humano um ser livre para que ele possa, na liberdade, tomar decisões acertadas. Dessa maneira ordene sua vida à serviço da sociedade, fazendo-a mais justa, fraterna, solidária.

IHU On-Line- Como surgiu essa modalidade de fazer os Exercícios na vida cotidiana?

Pe. Isidro Sallet- Os Exercícios têm uma estrutura externa, ou seja conteúdos da meditação e têm uma dinâmica interna para conseguir os objetivos ditos anteriormente. Inácio percebeu que esse processo levaria uns 30 dias em regime fechado e chegou a resumi-los em oito dias, com cinco meditações (uma hora em média) por dia. Porém, nem todas as pessoas dispunham de 30 dias e nem de oito dias (pais e mães de família, políticos e outros profissionais). Então ele propôs uma outra modalidade. Em casa e no normal da vida, o exercitante tomaria uma hora para um exercício por dia. Cada dia, o exercitante meditaria o texto proposto e faria uma revisão do dia. Dessa maneira, o processo para alcançar essa ordem dos afetos leva de cinco a sete meses. O próprio Inácio acompanhou muitas pessoas individualmente neste formato, chegando a oferecê-los a pequenos grupos. Hoje, na UNISINOS, estamos também com um grande número de pessoas que, individualmente ou em grupos estão fazendo os Exercícios na vida cotidiana.

IHU On-Line- Como avalia a realização dos Exercícios no ambiente universitário?

Pe. Isidro Sallet- Na UNISINOS começamos em 97 e há muita receptividade. Acompanhei mais de 70 pessoas, sobretudo professores. Eles começam a ver a vida diferente, conseguem se abrir mais às pessoas, tornam-se mais sensíveis a valores evangélicos como justiça, solidariedade, etc. Na medida que vão descobrindo a vida de Jesus nos evangelhos, novas coisas surgem dentro da pessoa, e ela descobre novos valores. Vários me disseram que tiveram que refazer sua religião de criança. Surge uma necessidade de descobrir uma religião de adulto, pensada, refletida e aprofundada.

IHU On-Line- A grande aceitação dos Exercícios pode estar no descompasso entre um estilo de vida agitado e mecânico com a necessidade de parar e saborear as coisas?

Pe. Isidro Sallet- O atual estilo de vida que a maioria das pessoas tem, leva a buscar algo que dê mais sentido ao corre-corre, à profissão que te vai envolvendo de maneira violenta. As próprias relações familiares se tornam mais benéficas, mais justas, mais equilibradas e pacientes para quem vai realizando esta caminhada. Dessa forma, eles adquirem valores que na sociedade são deixados de lado.

Pós-Graduação: Especialização em juventude

Na sexta-feira passada, dia 26 de julho, encerrou-se o segundo módulo do Curso de Pós-Graduação: Especialização em Juventude tendo como tema geral “As manifestações juvenis através da História”. Coordenado pelo Prof. Dr. Hilário Dick e a Profª. Drª. Valburga Streck, o segundo módulo do curso reuniu 27 participantes de 12 estados do Brasil e Argentina. Participaram médicos, educadores, filósofos, psicólogos, profissionais das mais diversas áreas e de diversas religiões e organismos sociais que trabalham com juventude. O módulo se estendeu de 3 a 26 de julho. O pós em juventude é uma parceria entre a Universidade e o Instituto de Pastoral da Juventude (IPJ), com sede em Porto Alegre. Devido a quase inexistência de cursos universitários preocupados em formar pessoas para caminhar com os jovens, em nível de pós-graduação, o IPJ e a UNISINOS lançaram este curso em janeiro de 2001. Agora já em sua 2ª edição, para suprir uma série de dificuldades que emergem no cotidiano da prática de quem lida com os jovens nas atividades educativas convencionais, não-convencionais e na pastoral.

O curso tem como objetivo aprofundar o conhecimento teórico, prático e científico sobre a juventude, capacitando formadores, educadores e outros profissionais frente ao fenômeno juvenil. O primeiro módulo aconteceu de 3 a 19 de janeiro de 2002, e o tema central foi *O fenômeno juvenil no contexto atual*. O último módulo acontecerá de 3 a 22 de julho de 2003 e terá como tema central *Trabalhando com a juventude*. O segundo módulo teve como tema central *As manifestações juvenis através da história* e abordou assuntos como *Juventude e linguagem; Saúde e integração social dos jovens; História da atuação dos jovens; Sociologia da juventude; O papel das instituições na formação da juventude e Seminário de Pesquisa*.



Ecos do evento

“ Inédito. Eu já fiz muitos outros cursos sobre juventude, mas eram mais pastorais. Este foi mais científico-acadêmico. No curso, somos obrigados a redigir uma monografia que nos faz sair do "achismo" e da espontaneidade com que, muitas vezes, são abordados estes assuntos. Impressionou-me como é trabalhado, no Brasil, o tema das políticas públicas para a juventude. Na Argentina, esse assunto só é tocado como campanha eleitoral pelo candidato de turno. Aqui me dá a impressão de que as políticas públicas para a juventude são reais. Chamou-me a atenção o orçamento participativo e o projeto de primeiro emprego aqui no RS”.

*Raúl Alejandro Lutz. Padre dos Canônicos Regulares Lateranenses
Argentina.*

“A originalidade do curso é o que mais chamou minha atenção. O Curso situa-se na linha de pesquisa e estudo de um grupo de grande importância. Grupos como a criança e o adolescente conquistaram seu espaço, porque têm um estatuto que os legitima. Por isso eles são assuntos reconhecidos de estudo e

pesquisa. A juventude ainda não é reconhecida como uma categoria específica que mereça um olhar diferenciado. Estou fazendo a minha monografia de final de curso sobre políticas públicas da juventude: emprego e renda. O desemprego é um desafio muito grande para a juventude. Pior, contudo, é a dinâmica do emprego. Um dia o mercado exige conhecimento de inglês, outro dia, domínio da informática, e os jovens têm de procurar especializar-se nisso sem dinheiro. Para mim, a questão educacional é o cerne disso. Ela vai para um lado, e o mercado de trabalho, para outro. Este curso me está dando grandes elementos de reflexão e compreensão”.

Sandro Hilário- Sociólogo e Assessor da Pastoral da Juventude do Rio de Janeiro

“Uma novidade. um momento para estudar e observar a juventude com os instrumentos que a academia pode oferecer. Era uma grande lacuna. Este não é um assunto normalmente abordado nas universidades. São poucos os que pesquisam sobre esse assunto. No curso, os pesquisadores nos abriram um espaço para interagir com os desafios que o trabalho com a juventude apresenta. Acho que é uma separação que começa a ser superada. Espero que, a partir deste grupo, se continue estudando o tema e que se organizem mestrados e doutorados que venham fortalecer este curso em suas próximas edições”.

Raquel Pulita- Relações Públicas e membro da Equipe Executiva do Instituto de Pastoral da Juventude – Porto Alegre

“Estou convencido que o grupo de “especialistas” que está conosco, agora, vai produzir contribuições muito boas para o conhecimento da juventude, em diversos campos e regiões. Embora os estudos sobre a juventude estejam crescendo, continua grande necessidade a de uma reflexão acadêmica em todas as áreas da sociedade que trabalham com juventude. Também as diferentes igrejas devem evoluir nesse sentido. Sonhamos ajudar na formação de pessoas que não só queiram contemplar a realidade juvenil, mas intervir nela. Estão faltando, nas instituições, pessoas que carreguem nelas, integradamente, teoria e prática sobre a juventude. Acho que estamos amadurecendo a questão dentro da academia. A força do curso está na especificidade do juvenil”.

Prof. Dr. Pe. Hilário Dick, SJ - Coordenador do Curso

Jornada de Sociologia- Qual cidadania?

Nos dias 20 e 21 de agosto, acontecerão as Jornadas de Sociologia- qual cidadania? Sob a coordenação do Prof. Dr. José Luiz Bica de Mélo - PPGCSA - UNISINOS. As Jornadas de Sociologia pretendem apresentar e analisar as possíveis contribuições da Sociologia para o debate de questões relativas à violência, ao mundo do trabalho, aos aspectos educativos e à pobreza, buscando proporcionar reflexões aprofundadas sobre a cidadania que temos e a cidadania que almejamos para a sociedade brasileira. O evento é dirigido a professores, pesquisadores, estudantes, profissionais e demais interessados em analisar os desafios da sociedade contemporânea, em especial, a temática da cidadania. Confira a seguir a programação completa.

Dia 20/08/2002 - Terça-feira:

19h - Credenciamento.

19h30min - Abertura: Prof. José Ivo Follmann - Doutor em Sociologia - Universidade Católica de Louvain - Bélgica. Diretor do Centro de Ciências Humanas - UNISINOS.

Prof. Egon Roque Fröhlich - Ph.D. em Mass Communications - Universidade de Viscosin - USA. Coordenador do PPGCSA - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas - UNISINOS.

Prof^a. Elida Rubini Liedke - Doutora em Sociologia - Brown University - USA. Professora no PPGS/UFRGS. Diretora da Sociedade Brasileira de Sociologia.

Prof. José Luiz Bica de Mélo - Doutor em Sociologia - PPGS/UFRGS. Professor no PPGCSA/UNISINOS. Diretor da Sociedade Brasileira de Sociologia.

20h às 22h - Painel 1: Cidadania e Direitos Sociais: Contribuições da Sociologia.

Painelistas: Antonio Prado - Sociólogo, Presidente da Federação Nacional dos Sociólogos-Brasil.

Prof. César Barreira - Doutor em Sociologia - USP. Professor na Universidade Federal do Ceará. Presidente da Sociedade Brasileira de Sociologia.

Prof. José Vicente Tavares dos Santos - Doutor em Sociologia - Universidade de Paris - Nanterre. Professor no PPGS/UFRGS. Diretor da ALAS - Associação Latino-Americana de Sociologia.

Prof. Renato Paulo Saul - Doutor em Estudos Latino-Americanos - UNAM - México. Professor no PPGCSA/UNISINOS.

Coordenação: Prof. José Luiz Bica de Mélo - PPGCSA/UNISINOS.

Dia 21/08/2002 - Quarta-feira:

8h30min às 11h - Painel 2: Sociedade do Conhecimento e Educação Cidadã.

Painelistas: Prof^a. Ana Mercedes Sarria Icaza - Mestre em Sociologia - Universidade Católica de Louvain - Bélgica. Professora no Curso de Ciências Sociais - UNISINOS. Coordenadora do Curso de Ciências Sociais - UNISINOS.

Prof^a. Clarissa Eckert Baeta Neves - Doutora em Sociologia - Universidade de Münster - Alemanha. Professora no PPGS/UFRGS.

Prof. Emil Albert Sobottka - Doutor em Sociologia - Universidade de Münster - Alemanha. Professor na PUCRS.

Prof^a. Maíra Baumgarten Corrêa - Mestre em Sociologia - PPGS/UFRGS. Doutoranda em Sociologia no PPGS/UFRGS. Professora na Fundação Universidade de Rio Grande - FURG.

Coordenação: Prof. Enno Dagoberto Liedke Filho - Doutor em Sociologia - Brown University - USA. Professor no PPGS/UFRGS.

14h às 16h30min - Painel 3: Globalização e Desigualdade Social

Painelistas: Prof^a. Maria Stela Grossi Porto - Doutora em Sociologia - Universidade de Montreal - Canadá. Professora no Instituto de Ciências Humanas da Universidade de Brasília - UnB

Prof^a. Maria Susana Arroza Soares - Doutora em Estudos Latino-Americanos - UNAM - México. Professora no PPGS/UFRGS.

Salvatore Santagada - Mestre em Sociologia - PPGS/UFRGS. Vice-Presidente da Região Sul da Federação Nacional dos Sociólogos-Brasil.

Prof. Sérgio Schneider - Doutor em Sociologia - UFRGS. Professor no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural/UFRGS - PGDR.

Coordenação: Prof. Domingos Armando Donida - Doutor em Ciência Política - Universidade de Paris I - Sorbonne. Professor do PPGCSA e Coordenador da Cátedra da UNESCO-UNISINOS.

19h30min - Lançamento de livros SBS - Sessão de autógrafos com as Professoras Maíra Baumgarten Corrêa e Maria Stela Grossi Porto.

20h às 22h - Painel 4: A Sociologia e os Novos Desafios do Mundo do Trabalho.

Painelistas: Prof^a. Cláudia Tirelli - Mestre em Sociologia - PPGS/UFRGS. Professora no Departamento de Ciências Humanas na Universidade de Santa Cruz do Sul - UNISC.

Prof. Fernando Coutinho Cotanda - Doutor em Sociologia - PPGS/UFRGS. Professor do Departamento de Sociologia da UFRGS.

Prof. Luiz Inácio Germany Gaiger - Doutor em Sociologia - Universidade Católica de Louvain - Bélgica. Professor do PPGCSA/UNISINOS. Diretor de Pesquisa na UNISINOS.

Prof. Thomas Patrick Dwyer (Tom Dwyer) - Doutor em Sociologia pela EHESS - Paris - França. Professor no Programa de Doutorado em Ciências Sociais na UNICAMP.

Coordenação: Prof^a. Elida Rubini Liedke - Doutora em Sociologia pela Brown University - USA. Professora do PPGS/UFRGS. Diretora da SBS.

ATIVIDADE SIMULTÂNEA

O evento terá uma atividade simultânea. O Encontro Estadual de Chefes de Departamento e Coordenadores de Cursos de Ciências Sociais, dirigido a diretores de Centros de Ensino, coordenadores de Cursos de Graduação e Pós-Graduação, chefes de departamentos e demais interessados. O encontro acontece no dia 21, das 16h30min às 18h30min e será coordenado pela Prof^a. Luiza Helena Pereira - Doutora em Sociologia - PPGS/UFRGS. Professora no Curso de Ciências Sociais da UFRGS e Diretora de Cursos de Graduação em Ciências Sociais da Federação Nacional dos Sociólogos - Brasil.

Um projeto de sucesso:

Um aprendizado que resgata a memória coletiva sobre plantas medicinais

Há seis anos, a bióloga e professora Ms. Virginia Koch desenvolve o *Programa Farmácia Viva – Projeto Carqueja*, um projeto de plantas medicinais com a população de Riozinho-RS. Uma parceria daquele município com a UNISINOS resgatou inúmeros conhecimentos empíricos tradicionais sobre 200 plantas, devolvendo-os aos mais de 5 mil habitantes da cidade. Hoje, além do cultivo de plantas medicinais, a comunidade desenvolve medicamentos fitoterápicos, fitocosméticos e o Projeto Agronômico.

IHU On-Line conversou com Virgínia Koch sobre a importância e o alcance do *Projeto Carqueja* como campo de pesquisa para alunos e professores desta Universidade, sobre os ganhos em qualidade de saúde e vida comunitária da população de Riozinho, sobre a necessidade da ida às comunidades e os desafios que esse tipo de abertura apresenta para alunos e professores e sobre as razões do uso de plantas medicinais. O *Programa Farmácia Viva – Projeto Carqueja* será tema de um dos próximos *IHU Idéias*.

IHU On-Line - Como surgiu o trabalho com plantas medicinais no município de Riozinho?

Virginia Koch - Desde 1992, a UNISINOS tem um projeto voltado para a pesquisa de plantas medicinais. Mas nossa história com Riozinho começou em 1996. A Secretaria de Saúde do município nos procurou com a intenção de montar um projeto com plantas medicinais. Isso porque seu secretário de saúde, Telmo Tiago da Silva, havia conhecido o *Projeto Farmácia Viva*, em Fortaleza-CE. Baseado nesta experiência, ele pensou em desenvolver um projeto semelhante em Riozinho. Ele nos procurou e, desde então, agosto de 1996, a nossa Universidade tem um convênio com a Prefeitura Municipal, do qual nasceu o *Programa Farmácia Viva - Projeto Carqueja*. O nome escolhido foi *Carqueja*, porque quisemos dar uma identidade e escolhemos uma planta abundante na região.

IHU On-Line - Podemos dizer que houve etapas na consolidação desse projeto?

Virginia - Num primeiro momento, fizemos o estudo das plantas da região, as cultivadas nas famílias e as nativas. Recebemos uma série de informações sobre o valor de cada planta que checamos. Descobrimos que esse conhecimento empírico tradicional das pessoas confere 100%. Neste trabalho base, classificamos umas 200 plantas, e esse processo continua até hoje. Numa segunda etapa, criamos um pequeno laboratório para produção de

medicamentos fitoterápicos. Produzidos pela comunidade, sob nossa orientação, os medicamentos são distribuídos gratuitamente à população pelos postos de saúde do município. Atualmente, estamos numa terceira etapa, a fitocosmética e agronômica.

IHU On-Line - O que caracteriza essa terceira etapa?

Virginia - Dois grupos de mulheres se reúnem semanalmente para fazer fitocosméticos das plantas: sabonetes, *shampoos*, cremes, travesseiros aromáticos. Queremos trabalhar a questão de gênero, uma vez que, no meio rural, as mulheres não têm tanta vida social quanto os homens. Trabalhar a beleza feminina é algo fundamental. Além disso, elas podem suprir as necessidades da família e vender os excedentes em feiras e encontros. Esse projeto apresenta-se como complemento de renda. Já a outra frente, a agronômica, quer incentivar agricultores da região a cultivarem ervas medicinais com a possibilidade de venda. Com isso, em 1998, surgiu o *Projeto Pé da Serra Ervas*, resultado da minha dissertação de mestrado em agronomia.

IHU On-Line - Que aspectos sociais a impressionam neste processo todo?

Virginia - Tanto o conhecimento da planta quanto o preparo do medicamento ou cosmético envolvem todo um trabalho social (palestras, encontros...), no qual, além da troca de conhecimentos sobre plantas medicinais, há toda uma movimentação social, porque é uma maneira de as pessoas saírem de casa, se encontrarem, trocarem informações de algo que é importante para elas. Uma comunidade, quanto mais isolada estiver do meio urbano, mais recursos busca na natureza, tanto para alimentação quanto para a saúde. Neste sentido, a troca de conhecimentos do mundo vegetal é importante.

IHU On-Line - Como as pessoas de Riozinho se vêem neste projeto?

Virginia - Pela participação e envolvimento no projeto e no uso dos produtos. No município, os médicos prescrevem nossos produtos fitoterápicos. Há seis anos as pessoas participam e nos mandam diferentes produtos. Neste momento, estamos criando várias farmácias nas comunidades. As pessoas aprenderam a fabricar os materiais, lideradas pelos agentes de saúde. Acredito que o projeto pode caminhar sozinho. Estamos na terceira gestão municipal, e o projeto não se desfez.

IHU On-Line - És graduada em Biologia e mestre em Agronomia, alguma vez teu saber foi posto em xeque?

Virginia - O mundo, numa pequena comunidade, é bastante diferente do meio acadêmico ou do mundo dos livros. As pessoas que me acompanharam, apontando plantas, mostraram que sabem muito de Botânica. Mais até do que a gente que sabe os nomes técnicos. E, na questão agronômica, descobri o quanto sabia pouco. Um agricultor, que vive o dia-a-dia na lavoura e observa a natureza, ele conhece a natureza. Está seguro no fazer a coisa certa. A gente faz no planejamento, no projeto, sem saber se vai dar resultado. Já o agricultor não pode errar, porque vive daquilo. Outro aspecto foram meus valores. Diria que, como pessoa, mudei bastante. Vejo que é possível viver numa pequena comunidade, que existem outros valores. Hoje, mais do que nunca, defendo que o RS tem potencial para ser um estado agrícola. Falta o governo apostar mais nos pequenos agricultores.

IHU On-Line - O que te leva a essa certeza?

Virginia - O pequeno agricultor tem a capacidade ideal de desenvolver um trabalho com produtos orgânicos. É muito difícil fazer uma adubação orgânica em 5 mil hectares. Já em 20 hectares, é possível. Com 100 pequenos produtores

produzindo neste modelo, também obteremos uma grande produção. Teríamos um ganho de qualidade, porque a agricultura orgânica faz todo um trabalho de respeito à natureza. E, falando especificamente de plantas medicinais, a agricultura familiar é o sistema ideal. As plantas medicinais requerem mão-de-obra diferenciada. Para colher as flores de camomila, por exemplo, a mulher se mostra mais apta. O homem não tem paciência e prefere fazer outros serviços. Então, na agricultura familiar e no cultivo das plantas medicinais, toda pessoa da família tem um papel importante na cadeia da divisão de trabalho.

IHU On-Line - Quais os elementos imprescindíveis para obter resultados num projeto como esse?

Virginia - Não basta capacitar. É preciso acompanhar, trabalhar o humano, o social. Fazer com que as pessoas descubram seus potenciais, com que sejam felizes. Proporcionar saúde. Valorizar a dimensão comunitária e respeitá-las como pessoas que sabem. Um exemplo: Estávamos lá há dois anos, e elas andavam comigo coletando plantas, que eu trazia para fazer o estudo científico. Mas, não sabiam o que era uma universidade. Achavam que era uma escola grande. Um dia, alugamos um ônibus, reunimos agricultores, professores, lideranças e passamos um dia no campus. Foi o máximo para eles. Pude explicar-lhes que os ensinamentos passados por eles, acabava aqui na biblioteca, mas que também voltava para eles e para outras pessoas. Vejo que a academia, às vezes, peca, porque vai até a comunidade, extrai a informação, transforma isso numa publicação que desaparece. A comunidade precisa sentir-se parte neste processo. É uma estratégia para o retorno do prazer de participar.

IHU On-Line – Seguidamente, as plantas medicinais figuram na mídia, tanto sob aplausos quanto sob desconfiança. Que aspectos te chamam a atenção no âmbito das plantas medicinais?

Virginia – Diria que temos um quadro onde as plantas medicinais se apresentam como um mercado e como um certo modismo. Há um aumento anual de 20% no consumo de plantas medicinais, apresentando os perigos do charlatanismo, do extrativismo indiscriminado e do seu uso inconsequente. Pessoas que não entendem de ervas vendem ervas. A grande demanda faz qualquer um procurá-las na natureza, ocasionando o extermínio de espécies. E há o esquecimento de que a planta medicinal é um medicamento, não devendo ser vista como um chazinho da vovó que acompanha o bolo. É preciso levar em conta que o chá tem um princípio ativo e que ele atua. Se é um medicamento, precisamos ter certeza do que estamos usando. Diria que, nestes três terrenos, temos muito para caminhar. Quanto ao modismo, as plantas medicinais marcam um momento no mundo no qual as pessoas querem uma vida mais natural e saudável. Então, aparecem os modismos, e os medicamentos tornam-se caros, porque estão na moda.

IHU On-Line – Que aspectos dificultam a fabricação e divulgação dos fitoterápicos?

Virginia – As multinacionais não têm interesse que se desenvolvam a produção e a comercialização de produtos fitoterápicos. Além disso, carecemos de uma legislação para essa comercialização.

IHU On-Line - Como vê a confiança das pessoas na eficácia das plantas medicinais, tanto no meio rural quanto no meio urbano?

Virginia – Para mim, essa não é uma questão de crer ou confiar na eficácia das plantas medicinais. Países como a Alemanha, onde 80% dos remédios usados são fitoterápicos, resolveram apostar no tratamento com plantas medicinais. Diria que, entre nós, há dois motivos que dificultam o uso das plantas: a

praticidade de ir à farmácia e encontrar o remédio alopático pronto e o despreparo dos nossos médicos para lidar com fitoterápicos. No momento em que alguém procurou o médico, vai comprar o remédio prescrito. Um exemplo: Em Riozinho temos uma comunidade indígena que só usava ervas. Mas a assistência médica (duas vezes ao mês) prescreve alopáticos, ocasionando total esquecimento desse saber empírico. Precisa haver uma mudança no sistema de saúde, para que se produzam fitoterápicos: que os médicos os prescrevam, para que as pessoas possam adquirir-los. Sobre isso, tenho uma boa notícia: no Rio Grande do Sul, serão produzidas e distribuídas no SUS 13 tinturas de plantas. Gratuitamente! E os médicos terão de prescrevê-las. Vejam que cadeia produtiva se desenha.

IHU On-Line - Em outras comunidades, deve haver conhecimentos semelhantes, processos latentes e toda uma cultura oral que poderia ser acionada. Como fazer isso?

Virginia - Diria que projetos semelhantes ao nosso poderiam ser desenvolvidos. A Assembléia Legislativa do RS, via Comissão de Saúde e Meio Ambiente, desenvolve um movimento chamado *Fórum pela vida: projeto plantas vivas*. O Estado foi dividido em sete regiões, e uma entidade é responsável pelo Fórum. Mas para dar conta desse processo, acredito que a Universidade tem um papel fundamental. O estudo etnobotânico das plantas medicinais é papel e tarefa da universidade. Ela pode ordenar, checar, organizar e registrar no computador esses conhecimentos existentes nas comunidades e produzir os fitoterápicos. A fonte das pesquisas são as pessoas, e principalmente pessoas idosas, e esse conhecimento morre junto com elas.

Livros & Artigos

LIVRO DA SEMANA

UM JUDEU MARGINAL: REPENSANDO O JESUS HISTÓRICO

Traduzimos e publicamos, na íntegra, a entrevista de John P. Meier. Ele é professor do Novo Testamento no Departamento de Estudos Bíblicos da Universidade Católica da América do Norte, onde leciona desde 1984 e ex-presidente da *Catholic Biblical Association* (1990-91) e autor de numerosos livros e artigos. Foi o editor do *Catholic Biblical Quarterly*. Atualmente, está trabalhando em *A Marginal Jew: Rethinking the Historical Jesus* (*Um judeu marginal: Repensando o Jesus Histórico*), obra que será publicada em três ou quatro volumes, dois deles já publicados. Os dois livros já publicados foram traduzidos para o italiano. O primeiro volume intitula-se *Un Ebreo marginale. Ripensare il Gesù Storico. 1.- Le Radici del problema e della persona* (*Um judeu marginal. Repensar o Jesus Histórico. 1.- As Raízes do problema e da pessoa*). Brescia: Queriniana, 2001, 466p. O segundo volume intitula-se *Un Ebreo marginale. Ripensare il Gesù Storico. 2.- Mentore, messaggio e miracoli*

(*Um judeu marginal. Repensar o Jesus Histórico. 2.- Mentor, mensagem e milagres*). Brescia: Queriniana, 2002, 1338p.

Esta obra impressionante, fonte inesgotável de consulta, faz parte da assim chamada *Third Quest* – *A Terceira Pesquisa – sobre a "memória" de Jesus*. A *Third Quest* se divide em duas tendências: a tendência radical do "Jesus Seminar" dos EUA e a tendência moderada e mais consistente da qual faz parte John P. Meier e Gerd Theissen.

Nesta entrevista, J.P. Meier explica por que considera ser válido estudar o Jesus histórico e o que ele considera graves deficiências de alguns estudiosos que pesquisam o Jesus histórico. Meier traça uma cuidadosa distinção entre o Jesus da história e o Jesus como objeto de nossa fé. "Com certeza, há uma conexão entre ambos, mas a história não é capaz de medir o que aprendemos pela fé", diz ele. Seu estudo sobre o Jesus histórico delineia um quadro não desconhecido dos cristãos – Jesus foi o personagem histórico real que o Novo Testamento afirma. No entanto, o Novo Testamento não é um livro de história moderno. *AmericanCatholic.org*. Os subtítulos são nossos.

Um estudo de Jesus a partir da história

AmericanCatholic.org - Para começar, por que precisamos da pesquisa sobre Jesus?

John Meier - A necessidade está no olhar do observador. Quando sou um historiador profissional, sem dúvida estou interessado nos grandes personagens da história que tiveram um impacto sobre a história, independente de crer neles ou não... Não acredito que necessitemos de nenhuma outra apologética para a pesquisa do Jesus histórico, como disciplina histórica, por exemplo, num departamento de história, a não ser que você tivesse de se desculpar por tentar descobrir algo sobre o Sócrates histórico, ou o Platão histórico, ou o Maomé histórico.

Creio que boa parte da confusão se origina do fato de que as pessoas alegam estar investigando o Jesus histórico, quando, de fato, estão fazendo *teologia*, embora seja uma teologia que, sem dúvida, tem um embasamento histórico. Siga todo o caminho de volta até Reimarus, passando por Schleiermacher, toda a trajetória pela linha de Bultmann, Käsemann, Bornkamm. Essas pessoas são basicamente teólogas, praticando um tipo mais moderno de cristologia (um estudo de Jesus Cristo baseado na fé).

AmericanCatholic.org - Por acaso um historiador descartaria milagres e a intervenção divina?

John Meier - Esse é um assunto muito delicado. Não sei como, no mundo, você poderia decidir *historicamente* se Jesus, de fato, realizou ou não milagres, possíveis unicamente para Deus. É uma questão de fé. No entanto, será correto que um historiador entre no mérito dizendo que obviamente milagres são impossíveis e que, por essa razão, Jesus não realizou nenhum milagre? O historiador deveria tentar, ao máximo, ser bastante modesto em asserções acerca do que pode ser conhecido sobre milagres – especialmente do passado antigo, a respeito do qual nossas fontes são bastante fragmentárias. A atitude apropriada de um historiador é: "Não postulo de antemão que milagres são possíveis, nem postulo de antemão que eles não são possíveis."

“Nem tudo o que é real existe no tempo e no espaço”

AmericanCatholic.org - Nesse caso, historiadores podem abordar a ressurreição?

John Meier - Podemos constatar, como historiadores, que Jesus existiu e que certos eventos relatados nos evangelhos aconteceram na história, porém os historiadores jamais poderão provar a ressurreição do mesmo modo. Por que não?

Talvez alguns fundamentalistas postulem que você pode. Além dos fundamentalistas, talvez até mesmo alguns teólogos católicos mais conservadores postulariam que você pode, sim. Eu, pessoalmente, em concordância com a maioria dos pesquisadores do Jesus histórico – e penso que também um número razoável de teólogos católicos – diria que a ressurreição se situa fora desse tipo de indagação, pelo modo como é feita a pesquisa histórica e crítica em torno da vida do Jesus histórico, por causa da natureza da ressurreição. A ressurreição de Jesus, com certeza, é supremamente real. No entanto, nem tudo que é real existe no tempo e no espaço ou é empiricamente verificável por meios históricos.

Ressurreição de Jesus: continuidade e transformação

AmericanCatholic.org – O que você pensa que aconteceu com o corpo de Jesus?

John Meier - O Jesus real que morreu ascendeu com a plenitude de sua humanidade à presença plena de Deus. Penso que essa é a essência da fé na ressurreição. Qual é a relação desse corpo levantado com o corpo que foi depositado na sepultura? Isso, acima de tudo, não é algo historicamente verificável. Não está de forma alguma sujeito à investigação histórica. É verdade que os próprios teólogos discordam entre si acerca dessa questão. Os fundamentalistas provavelmente terão uma visão bem mais grosseira da ressurreição. A maioria dos cristãos tradicionais pelo menos leu Paulo em 1 Coríntios 15 sobre a necessária transformação, assim como as narrativas das aparições da ressurreição nos evangelhos. Eles pensam tanto em termos de transformação quanto de continuidade. Logo, o corpo ressuscitado de Jesus está, sem dúvida, em continuidade com o corpo depositado para jazer na sepultura. Não obstante, porém, ele sofreu uma transformação radical como corpo glorificado e exaltado. Já não pertence a este mundo de tempo e espaço e não está sujeito a suas leis... Há toda uma gama de possibilidades especulativas sobre o relacionamento exato do Jesus ressuscitado com o corpo depositado na tumba. Como pessoa que tenta realizar um trabalho histórico, isso é algo além do que sou capaz de investigar.

Falar ao mundo de hoje implica ter uma “consciência histórica crítica”

AmericanCatholic.org - Existe uma relação entre a pesquisa histórica e a reflexão da fé sobre Jesus?

John Meier - Eu diria que é muito grande. Contudo, será que a fé cristã básica e autêntica precisa absolutamente de uma pesquisa histórica em torno do Jesus histórico? A resposta obviamente é não. Os primeiros cristãos da Antiguidade e da Idade Média nunca tiveram uma coisa dessas. Quem questionaria a legitimidade de sua fé cristã em Jesus Cristo? Por isso a pesquisa histórica sobre o Jesus histórico não é essencial para a fé cristã singela e autêntica. Até mesmo hoje, no Terceiro Mundo, há toda sorte de camponeses sem formação, analfabetos, que não sabem nada sobre o Jesus histórico, Teologia ou qualquer questão semelhante, acerca dos quais tenho certeza de que possuem uma fé cristã muito firme e autêntica e, talvez, muito melhor do que a minha.

A Teologia nunca paira fora da história. Por isso não causa grande surpresa que a indagação de Reimarus durante o Iluminismo pareça bastante diferente da indagação de Schleiermacher durante o Romantismo alemão, e tenha aparência bem diferente da indagação de Bultmann no auge do Existencialismo na Alemanha. Tudo isso tem um aspecto muito diferente da pesquisa sobre Jesus, cujo Jesus se parece com um acadêmico norte-americano politicamente correto que é um feminista igualitário do final do século XX! Para Tomás de Aquino, com o renascimento do pensamento aristotélico na Idade Média, no Ocidente, tratar disso implicou um certo enfoque aristotélico. Se ele pretendia refletir a cultura de sua época e falar de maneira significativa para as pessoas instruídas de seu tempo, que outra opção ele teria?

Em conseqüência, se os cristãos hoje desejam articular sua fé em Jesus Cristo de um modo que reflete e fala à cultura em que vivem, é preciso que se dêem conta de uma consciência histórica crítica. Os períodos da Patrística e da Idade Média não tiveram essa preocupação.

O núcleo central da fé é sempre o mesmo

AmericanCatholic.org - Será que, portanto, cada era projeta Jesus à sua própria imagem?

John Meier - Talvez haja um pouco de cada, o perigo e o desafio; contudo há um ponto relevante nisso. Você percebe que isso não vale tanto assim para as afirmações básicas da fé. Essa é a importância de certas afirmações básicas do credo que tentam permanecer tão fundamentais, tão antiespeculativas e não-elaboradas quanto possível. Tentam condensar o que é essencial... Por exemplo, o Concílio de Nicéia (em 325) basicamente afirma a mesma coisa no credo que nós recitamos hoje. Há certas afirmações básicas da fé que, na medida do possível, tentam remar para fora do desenvolvimento sistemático filosófico extensivo, que tentam afirmar somente o essencial. É *disso* que se precisa para ser membro numa igreja.

Veja que a igreja nunca exigiu que, para ser membro, você aceite a compreensão neoplatônica da Trindade por Agostinho como caminho para uma analogia intelectual. Os católicos não são obrigados a aceitar todo o sistema tomista, neoaristotélico da Idade Média, ou a aceitar o entendimento da cristologia por Karl Rahner ou Bernard Lonergan do século XX. A igreja jamais impôs o grande sistema filosófico da época aos crentes simples como uma parte imprescindível da fé.

Aquilo que foi revelado por Deus, através de Jesus Cristo, é o objeto de nossa fé, afirma a igreja. Então, em todas as respectivas culturas nós tentamos destrinchar isso, tentamos entendê-lo primeiramente para nós próprios e torná-lo inteligível para o mundo ao redor de nós. Esse é um empreendimento necessário em cada época.

Quando você pensa nos grandes tratados de Agostinho, quando você pensa na *Summa* de Tomás de Aquino, acaso foram dirigidos aos camponeses que trabalhavam fora, nas plantações? Obviamente representavam enfoques intelectuais sobre a fé, que visavam falar para pessoas instruídas.

Encaremos o fato: em qualquer época, é o povo instruído que está mais tentado a desprezar intelectualmente o cristianismo... Tornar a fé inteligível para um grupo intelectual constitui uma parte importante do processo em qualquer sociedade. Diante do fato de que a nossa cultura é uma cultura crítica em relação à história, isso é muito importante.

AmericanCatholic.org - Certa vez o Sr. descreveu a pesquisa de Jesus como estando atualmente nos “terríveis dois extremos”. O que o Sr. queria dizer com isso?

John Meier - Referia-me especificamente à discussão e ao debate entre estudiosos, que avança e recua. Com certeza, no estágio atual da indagação sobre o Jesus histórico entre o Seminário de Jesus, católicos que reagem ao Seminário de Jesus, cristãos evangélicos que respondem a ele, e até mesmo protestantes de confissões maiores e mais liberais que não estão gostando do que vem ocorrendo, temos hoje um debate bastante vívido, se não, às vezes, barulhento, entre estudiosos. Simplesmente declarei: “Bem, o que vocês esperam?” Isso não é assim com a pesquisa em muitos campos, em determinadas épocas? Precisamente, quando houver grande fermentação terá de acontecer uma porção de argumentos, recuando e avançando, bem como uma porção de contestação das posições. Não há nada de errado com isso.

A “Simplicificação” da Teologia

AmericanCatholic.org - As críticas de avanço e recuo constituem tão somente uma parte essencial do processo acadêmico, certo?

John Meier - Penso que é um estímulo positivo... O que pode estar atormentando tanto é que inúmeras coisas da controvérsia são catadas pela imprensa secular e informadas tão amplamente que nos deixam perguntando o que, afinal, está acontecendo.

Um grande exegeta da Universidade de Lovaina me escreveu recentemente e percebi que tanto ele quanto eu pensamos que grande número de europeus está completamente perplexo, se não chocado, com o Seminário de Jesus e o alvoroço em torno dele. Escrevi-lhe dizendo: “Bem, o Sr. precisa compreender que toda a vida dos Estados Unidos, incluindo a academia, incluindo a pesquisa, sofreu certa “O. J. Simplicificação”. Tudo foi transformado numa novela melodramática televisionada. Robert Funk, líder do Seminário de Jesus, planejou, certa vez, sessões televisionadas do Seminário de Jesus, nas quais haveria debates e depois votações⁽¹⁾. Isso soa quase como uma paródia hilariante. Você não pode ridicularizá-lo, porque a própria tentativa disso já é uma caricatura!

Porém, penso que um dos grandes problemas é exatamente esse. Estudiosos sérios possuem – desde os tempos de Reimarus – todo um histórico de escrever obras sérias sobre um tema sério. E, graças a Deus, nenhum deles jamais se rebaixou à abordagem sensacionalista do tablóide de TV. Infelizmente, esse é um fenômeno tipicamente norte-americano dessas exatas últimas duas décadas.

Tentação de transformar Jesus em alguém “sem escatologia futura”

AmericanCatholic.org - Porventura esse enfoque da intelectualidade, com as votações, etc., aponta para algum tipo de mal-estar?

John Meier - A maneira como Funk o alardeou, o modo como ele introduziu os jornalistas, as cores originais das fichas – acredito que agora as deixaram de lado – foi tão semelhante ao espetáculo do apresentador P. T. Barnum que,

¹ .- Meier refere-se ao Seminário de Jesus, localizado na Califórnia, e que foi fundado em 1985 por Robert W. Funk, um estudioso de prestígio que largou a vida na Universidade de Ivy League e se deslocou para o Oeste. O Seminário realizou uma verificação intensamente divulgada de textos bíblicos, tentando separar o que Jesus verdadeiramente afirmou no Novo Testamento e o que lhe foi atribuído pelos autores do Novo Testamento. Suas descobertas parecem ser uma garantia para criar agitação pública toda vez que o seminário de 60 membros ou mais se reúne. Os especialistas do Seminário se reúnem e debatem o que Jesus realmente falou e fez, contrapondo-o ao que está escrito no Novo Testamento. Na sequência, eles votam com fichas coloridas pré-codificadas – vermelho para “Jesus de fato o disse”, rosa para menos provável, cinza e preto para uma incerteza ainda maior.

penso, temos de indagar: "Será que, em algum ponto, a forma estava derrotando a substância?"

Em segundo lugar, desde o começo, certos personagens destacados no Seminário de Jesus estiveram bastante determinados a impor a sua agenda e a sua visão do Jesus histórico: a saber, que haveria de ser um Jesus sem uma escatologia futura, um Jesus, que falava integralmente sobre o momento atual, e por isso um Jesus que tinha traços bem mais gnosticistas (Os gnósticos acreditavam que Jesus nunca foi humano e que o mundo físico é do maligno) do que os de um profeta judaico ou de uma figura apocalíptica. Pelo menos em algumas ocasiões, ele veio a ser um Jesus que se mostrou como um filósofo cínico greco-romano, o que foi especialmente arrasador!

AmericanCatholic.org - O sr. poderia nos dizer em palavras simples o que é um "Jesus sem uma escatologia futura"?

John Meier - O que parece tão central no ensinamento de Jesus, conforme exposto nos evangelhos, é que ele está falando da vinda futura do reino de Deus, uma consumação da história de Israel, no futuro aparentemente iminente, o qual ocasionaria uma mudança radical na vida humana. Essa mudança não seria trazida primordialmente pelo esforço humano, mas por uma ação definitiva de Deus no fim do tempo, pelo menos do tempo como o conhecemos. "Venha o teu reino" é uma prece muito central da própria oração do Pai-Nosso. Alguns estudiosos argumentam que isso foi uma fantasia apocalíptica posterior da igreja e que, de forma alguma, é do próprio Jesus. Para eles Jesus foi meramente esse sábio inteligente e filósofo cínico que dizia a cada pessoa que simplesmente constataste a presença da atuação invisível do reino, precisamente em seu dia-a-dia...

Podemos ter descoberto que essa imagem de Jesus é útil para nos acordar, porém basicamente então – na autêntica forma norte-americana – promovemos nosso auto-salvamento, porque descobrimos como nós somos maravilhosos.

A projeção de temas da atualidade sobre o Jesus histórico

AmericanCatholic.org - Portanto esse Jesus é uma projeção da cultura norte-americana?

John Meier - Há uma grande proporção disso. Quando você descobre que Jesus, de fato, foi um feminista e socialista igualitário radical com uma proposta social não se pode evitar considerar que boa parte da vida acadêmica politicamente correta dos anos 80 e 90 está sendo projetada de volta sobre esse judeu do primeiro século.

Outros livros sobre Jesus

Dois livros acabam de ser publicados sobre Jesus no Brasil.

1.- David FLUSSER. *Jesus*. São Paulo: Perspectiva, 2002. D. Flusser traduziu os Manuscritos do Mar Morto do hebraico para o grego a fim de confrontar suas similaridades com o Novo Testamento. Ele lecionou no departamento de Religião Comparada da Universidade Hebraica de Jerusalém, durante mais de 50 anos. Estudioso da literatura clássica e talmúdica, conhecia 26 idiomas. Faleceu, aos 83 anos, no ano de 2000. O livro é apresentado por Roberto Romano.

2.- Gerd Theissen e Annette Merz. *O Jesus Histórico. Um Manual*. São Paulo: Loyola, 2002.

Gerd Theissen é professor de Novo Testamento na Universidade de Heidelberg. Annette Merz é professora de estudos neotestamentários na Universidade de Heidelberg. A primeira edição alemã desse livro é de 1996 e a segunda edição, de 1997. Gerd Theissen, nascido em 1943, é um dos melhores conhecedores das sociedades que viram nascer o cristianismo. Utilizando a aproximação 'sócio-histórica' dos textos G. Theissen reconstitui o tecido social, cultural, econômico no qual surgiu a figura de Jesus e as primeiras comunidades cristãs.

Nesta obra Theissen e Merz refazem a pergunta sobre a historicidade da vida de Jesus a partir das fontes relevantes – cristãs e não-cristãs. Examina as circunstâncias históricas, cronológicas, geográficas e sociais de sua atividade e algumas de suas características principais: profeta, líder carismático, poeta, curador e mestre. E esse percurso conduz ao estudo da paixão e da ressurreição e aos primórdios da cristologia. O livro já foi traduzido para o inglês, espanhol e o italiano.

No Brasil, a Editora Vozes já publicara do mesmo autor o livro **A Sombra do Galileu**.

As três fases do estudo histórico de Jesus no século XX

A investigação sobre a vida de Jesus constitui um acontecimento cultural e religioso muito significativo do século XX. Esta investigação pode ser dividida em três fases:

1.- A primeira está vinculada com a obra de A. Schweitzer (*Investigação sobre a vida de Jesus*, texto alemão de 1906). Essa fase mostrou o que os grandes "cientistas" do século XIX haviam projetado sobre Jesus, seus pressupostos culturais, sociais e religiosos, ignorando o caráter apocalíptico e anticultral da sua mensagem. Por isso muitos exegetas profissionais, sobretudo protestantes, como R. Bultmann, em toda a primeira metade do século XX, renunciaram a escrever a história de Jesus. Eles achavam que se podia falar unicamente do *Cristo da fé*.

2.- A segunda fase inicia nos meados do século XX, com o livro de E. Käsemann (*O problema do Jesus Histórico*, originalmente publicado em 1953), que mostrou a necessidade teológica e a possibilidade histórica de se voltar com imparcialidade aos fatos da vida e da mensagem de Jesus. Nesse sentido, foram escritas obras novas de tipo mais histórico, como, por exemplo, a de G. Bornkamm, *Jesus de Nazaré*, original alemão de 1956, e de tipo existencial como a de H. Braun, *Jesus, o homem de Nazaré e seu tempo*, originalmente publicada em 1969. Numa linha mais judaica, foi publicado, em 1973, o livro de G. Vermes, *Jesus, o judeu* e em 1995, pelo mesmo autor, *A religião de Jesus, o judeu*.

3.- A terceira fase surgiu, a partir dos anos 1970, e se consolidou nos anos 1980 e segue viva até hoje. Esta fase é protagonizada, principalmente, por autores norte-americanos. As descobertas do entorno judeu, os textos de Flávio Josefo e do rabinismo antigo, os novos métodos literários e o estudo mais preciso da história e da antropologia cultural permitem situar e entender melhor a vida de Jesus, suscitando um consenso básico,

Cinco obras se destacam nesta terceira fase

1.- – E. P. Sanders. *Jesús y el judaísmo*. Madrid: Trotta, 2002 (original de 1985). Jesus é apresentado como profeta escatológico, testemunha da gratuidade de Deus e mensageiro de um Reino que se abre a todas as nações.

2.- J. D. Crossan. *Jesus. Vida de um camponês judeu*, originalmente publicado em 1991. Ele apresenta Jesus como sábio e carismático ambulante, amigo da mesa compartilhada, testemunha da gratuidade divina. Desse autor, foram publicados em português dois livros: *O Jesus Histórico*. Editora Imago e *Quem matou Jesus?*. Imago, 1995;

3.- J. P. Meier, na obra monumental acima comentada, reelabora toda a pesquisa sobre o tema e mostra Jesus na sua messianidade, mestre sábio e carismático assassinado.

4.- R.E. Brown, na sua obra *A Morte de Jesus*, original de 1994, recolhe e avalia os temas do conflito de Jesus com o seu entorno, para valorizar sua morte desde sua ação e mensagem.

5.- Gerd Theissen e A. Merz no livro acima indicado, oferece um estudo de conjunto, de tipo escolar mas enciclopédico, sobre o marco social da mensagem e a vida de Jesus, profeta carismático, mestre e poeta.

Essas obras (a primeira e a última de autores protestantes, as outras três de católicos) oferecem um importante ponto de partida histórico-crítico para o estudo de Jesus. Nenhuma delas é apologética, no sentido ordinário da palavra. Todas oferecem uma visão de conjunto serena e, no fundo, emocionante da novidade de Jesus.

Entrevista da Semana

WASHINGTON NOVAES - O EQUÍVOCO DOS TRANSGÊNICOS.

Washington Novaes é colunista do jornal *O Estado de S.Paulo*, supervisor e comentarista do programa Repórter Eco, da TV Cultura. Também foi secretário de Ciências e Tecnologia e Meio Ambiente do Distrito Federal.

Consumidor S.A. - Edição Junho/Julho 2002

<http://server.digipronto.com.br/idec.org.br/paginas/materia.asp?id=32>

Duas decisões recentes, tanto no âmbito do legislativo como do executivo, alertam para o perigoso rumo que o Brasil pode tomar na questão dos organismos geneticamente modificados. A principal ameaça gira em torno da liberação dos transgênicos sem a obrigatoriedade de estudos prévios de impacto ambiental. Responsável por um trabalho significativo para a construção de um meio ambiente mais equilibrado, o jornalista Washington Novaes fala dos riscos de o País optar por esse caminho.

O que significará para a sociedade brasileira, se houver a liberação de sementes transgênicas sem a realização de estudos prévios de impacto ambiental?

É um erro grave. Pelo ângulo da biodiversidade, por exemplo, invariavelmente você pode ter riscos muito altos. Em primeiro lugar, os estudos feitos nos Estados Unidos (que teoricamente comprovam que as sementes modificadas não causam danos) não podem servir para o Brasil. Afinal, há muitas diferenças entre os dois países: o solo, o clima, a microfauna, a vizinhança. Portanto, não dá para nos basearmos em avaliações feitas nos EUA, ainda mais porque a própria Academia Nacional de Ciências dos Estados Unidos recomendou que esses estudos sejam aperfeiçoados. O mesmo vale para a área da saúde – não há um estudo epidemiológico conclusivo que diga se os transgênicos fazem bem ou não.

Do ponto de vista geral da biodiversidade, pode ser extremamente problemático. Existem estudos da militante ecológica indiana Vandana Shiva, realizados para o Relatório do Desenvolvimento Humano da ONU, de 1998, onde ela fez uma comparação de variedades transgênicas e convencionais. Segundo as análises, se forem computados todos os custos – ambientais, água, erosão e perda de solo –, não há uma só variedade capaz de competir com os alimentos convencionais. Vandana alerta para um dado a que poucas pessoas estão atentas. A padronização genética (se só houver culturas transgênicas) pode ser uma tragédia para metade da população mundial, que hoje vive nas zonas rurais. Para essas pessoas, a biodiversidade é fundamental, pois significa alimento, materiais, energia; uma porção de coisas.

E as implicações econômicas? Muitos produtores do sul do País alertam para o risco das lavouras modificadas prejudicarem as exportações de milho e soja para a Europa.

Isso é muito complicado do ponto de vista estratégico para a economia brasileira. Vários fatores já comprovaram os privilégios do fornecimento de alimentos sem modificação genética para o oriente da Europa. É possível obter um preço melhor, ter garantia de mercado. E o Brasil tem condição de ser o único grande fornecedor de grãos, de alimentos não-modificados. Portanto, é importante que isso seja mais bem avaliado.

Testes do Idec e do Greenpeace já encontraram produtos geneticamente modificados no mercado, mesmo proibidos. Plantações transgênicas também foram flagradas. Quais os direitos dos consumidores que estão sendo violados?

O consumidor deve ter garantias. Principalmente, a informação e a opção de não comprar aquilo, de poder adquirir outra coisa. Isso é um direito do consumidor independentemente de qualquer coisa, não precisa de justificação nenhuma. Ele tem o direito de não querer transgênicos. E ninguém pode obrigá-lo. Plantar sementes modificadas é um desrespeito enorme. Na verdade, o que se tem feito é tentar criar um fato consumado. Daí, a população pode achar que não adianta mais tentar virar o jogo, que não tem mais jeito, porque já existem muitas lavouras transgênicas plantadas.

Além do mais, as decisões são tomadas, mas o poder público não deveria ouvir a opinião dos brasileiros antes de tentar colocar tais produtos no mercado?

Há uma questão ética envolvida nisso. Quer dizer, ninguém pode obrigar o País a aceitar uma coisa simplesmente por caminhos que nem sequer são debatidos com a sociedade. Acaba de se instalar, por exemplo, o Conselho de Recursos Genéticos, que nem sequer conta com um representante da sociedade.

Se dispensar estudos mais rigorosos é um equívoco, a quais riscos poderemos estar vulneráveis?

O próprio Ministério do Meio Ambiente assegura que é preciso haver estudo de impacto ambiental. O Ministério é do governo e, ainda assim, o poder público toma uma decisão diferente de um de seus membros. Isso não faz sentido. Agora, em nome de quê? Em nome de um suposto aumento da fertilidade. Não

há um só estudo que prove isso categoricamente, mas existem diversos que apontam para a direção contrária.

Muitos defensores dos transgênicos afirmam que as sementes modificadas são mais resistentes e, por isso, possibilitam o uso de menos herbicidas. Basta aplicar o Roundup que tudo está resolvido. Mas não compensa. Outros estudos mostram que, por esse caminho, os produtores podem favorecer o surgimento de ervas super-resistentes.

Pior ainda, a disseminação de sementes transgênicas pode trazer graves implicações, como a venda de um insumo químico, o Roundup, e um domínio de mercado pela padronização de sementes. Ninguém terá alternativa, pois o mercado só terá semente geneticamente modificada. Isso vai criar uma dependência permanente, porque ninguém pode reproduzi-la, mas terão de comprá-la sempre do mesmo fornecedor. Isso também coloca um problema geral: quando se escolhe um caminho de biotecnologia para esses setores da agricultura, na verdade, está-se determinando tudo. Tal semente vai definir como você planta, prepara a terra ou armazena, que equipamentos e insumos químicos deve usar, entre outros fatores. Então, a dependência tecnológica é total. Se não bastasse tudo isso, dispensar o estudo de impacto ambiental contraria frontalmente a Convenção da Biodiversidade, que foi ratificada pelo Brasil. Portanto e tem força de lei. A convenção estabeleceu que, se houver dúvida, o princípio da precaução deve prevalecer.

Quais os principais fatores responsáveis por todo esse imbróglio criado pelo governo e poder legislativo na questão dos organismos modificados?

É difícil dizer. Eu teria de entrar num terreno de suposições. A gente não deve afirmar aquilo que não pode comprovar. Eu acho pura e simplesmente um equívoco enorme e que envolve muitas áreas e pessoas também. Agora, você vê: a própria Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) emitiu uma declaração a favor de uma posição de precaução, pedindo uma moratória de cinco anos para fazer estudo. Isso é a posição de gente bem informada. Eles não são xiitas. Isso também não foi levado em consideração.

Particularmente, o sr. é a favor ou contra a liberação?

Eu gostaria muito que estudos fossem concluídos e me dissessem o seguinte: “Olha, transgênicos não fazem mal à saúde, não prejudicam a biodiversidade e aumentam a produtividade”. Daí, acabou. Mas eu tenho que ver para crer. Essa é a posição mais equilibrada, mais lógica. Todos querem ter evidências. E não pura e simplesmente tomar posições.

Qual o seu palpite para o futuro dos transgênicos no Brasil?

Eu acredito que, se a decisão da justiça for favorável à liberação do plantio sem estudo de impacto ambiental, eles vão fazer isso muito rapidamente para criar um fato consumado. Se a sentença de primeira instância for mantida, eu acho que vai prosseguir a guerra judicial e a batalha da informação, ou seja, vai continuar essa gigantesca confusão que se instalou.

ARTIGO DA SEMANA

A AGENDA DO BOM SENSO WASHINGTON NOVAES O - ESTADÃO, 5-7-03

Todos os administradores públicos e privados, assim como os candidatos a cargos eletivos, deveriam impor-se a leitura da Agenda 21 Brasileira, concluída pela Comissão de Políticas de Desenvolvimento Sustentável (CPDS) - representantes do governo, da sociedade e dos empresários - e já entregue ao Presidente da República, durante a recente Rio + 10 Brasil.

Constituída de dois documentos - *Ações Prioritárias e Resultados da Consulta Nacional* -, ela é fruto do mais amplo processo de participação já ocorrido no País, com 40 mil pessoas envolvidas nas propostas levadas aos encontros promovidos em 26 Estados e cinco macrorregiões, para discutir diagnósticos construídos a partir de 1997. Nada menos de seis mil propostas foram consideradas.

A Agenda - ressalta a CPDS - não cuida apenas da preservação do meio ambiente, e sim da construção do desenvolvimento sustentável ampliado e progressivo, "um desenvolvimento não apenas quantitativo, mas também qualitativo". Pode ter - e tem - falhas e lacunas. Pode-se ou não concordar com suas visões e propostas. Mas não se pode ignorá-la - nem o poder público, nem os cidadãos, nem os empresários -, porque não é sensato fazer de conta que a sociedade não pensa, não traduz seu pensamento em propostas, não exige que elas sejam levadas à prática.

Nesse processo, será indispensável conhecer os conflitos que permeiam o dia-a-dia brasileiro nos vários setores, para poder construir pactos que levem à desejada sustentabilidade "ampliada e progressiva". Será preciso resistir à velha tentação brasileira de elidir os conflitos ou até mesmo imaginar que eles não existem - porque, na prática, cada setor reage agressivamente quando são apontadas suas responsabilidades nos custos ambientais e sociais, nas perdas não-contabilizadas nas contas nacionais. Só com a explicitação dos conflitos e a pactuação de novos caminhos será possível caminhar em direção à sustentabilidade com que todos sonhamos, mas não conhecemos, na prática, exatamente por que não se pactuam soluções e não se acompanham sua viabilidade e eficácia. O documento Resultados da Consulta Nacional será utilíssimo para esse reconhecimento dos conflitos.

Talvez o exemplo mais significativo na área dos conflitos seja o da agropecuária. Nada menos de um terço das propostas apresentadas ao longo do processo de discussão se refere aos dramas gerados por esse setor - a erosão acentuada do solo, a degradação das bacias hidrográficas, a compactação do solo, a contaminação de águas por insumos químicos, a mecanização intensiva, determinando o êxodo rural e a expansão caótica da urbanização, a perda de frações imensas dos biomas e de seus serviços naturais, a absorção interna de custos em favor dos países importadores, etc. Em todo o processo, entretanto, o setor recusou-se a discutir todos esses custos, alegando que são fruto de políticas públicas e só a elas devem ser imputados - o setor se vê apenas como "herói da produção", "maior gerador de superávits comerciais" e assim por diante. Será preciso, então, que a agropecuária se sente à mesa com outros interlocutores, discuta essas questões, pactue caminhos.

A própria CPDS aponta, por essa e outras razões, algumas condições prévias para o avanço:

Que cresça o nível de educação da sociedade para a sustentabilidade; que o conjunto do empresariado se posicione em "patamar mais progressista quanto a suas responsabilidades sociais e ambientais"; a internalização das ditas questões ambientais em todas as políticas públicas, em todo planejamento.

Há muitas "lacunas", como observam os documentos. Talvez a mais problemática seja a Agenda não se envolver mais a fundo, na discussão sobre "crescimento econômico" como proposta de solução para quase todos os problemas sociais.

Vários relatórios internacionais - como tem sido relatado neste espaço - mostram que o consumo de recursos e serviços naturais já está hoje além da capacidade de reposição da biosfera - e num momento em que um terço da humanidade vive em condições terríveis.

Que acontecerá se se aumentar o consumo e se puderem elevar todos os seres humanos a um patamar mínimo de atendimento de suas necessidades? Seriam necessários mais dois ou três planetas como o nosso, dizem esses relatórios, referendados pelos estudos do biólogo Edward Wilson. Que se vai fazer?

Ignorar esses dramas? Perpetuar a injustiça e, ainda assim, continuar caminhando em direção ao esgotamento de recursos? Será preciso, evidentemente, criar novos padrões civilizatórios, novos formatos de consumo não-perdulário e de distribuição da renda. Mas a Agenda não entra a fundo nessa discussão.

Há outras lacunas visíveis, muitas delas apontadas pelos próprios documentos. Na discussão da recente crise energética, por exemplo, diagnosticada como fruto apenas de condições meteorológicas adversas, quando muito mais esteve em jogo, inclusive a falta de prioridade para a conservação de energia (que o racionamento evidenciou como forte possibilidade), listada na própria Agenda. Ou na questão dos resíduos sólidos, do lixo, que se esgota na Agenda com uma breve menção às possibilidades de reaproveitamento.

A Agenda ressalta a pouca discussão havida em torno do tema "violência", que vai assumindo a primeira posição nas preocupações nacionais, à frente mesmo do desemprego. Assim como a importância secundária - se tanto - do tema "indústria" e do papel das empresas. Caberá à sociedade e aos governos, na execução da Agenda, avançar nesses caminhos.

São muitas as prioridades e os meios de implementação (essenciais) definidos pelos documentos e não caberia aqui enumerá-las. Importante será que o País as conheça - e para isso é indispensável um amplo processo de divulgação, para que, afinal, toda a sociedade consiga mergulhar na discussão sobre o desenvolvimento sustentável e o processo de sua construção. A campanha presidencial pode ser um bom começo.

FRASES DA SEMANA

PETER SINGER: UMA ÉTICA POLÊMICA

“Quando se trata de justificar experiências com animais, os pesquisadores já dispõem de uma resposta pronta: será que nós estaríamos dispostos a deixar que morram milhares de seres humanos, quando eles poderiam ser salvos por uma única experiência, feita com um animal? A maneira de responder a essa pergunta hipotética é fazer outra pergunta: será que os pesquisadores estariam dispostos a realizar suas experiências, utilizando um ser humano órfão, de idade inferior a 6 meses, se o único jeito de salvar milhares de vidas fosse esse? Se os pesquisadores não estiverem dispostos a usar uma criança humana, então sua prontidão em usar animais não-humanos revela uma injustificável forma de

discriminação baseada no especismo, já que macacos, cães, gatos, ratos e outros animais são, mais que uma criança humana, conscientes daquilo que lhes acontece, auto-orientados e, no mínimo, tão sensíveis à dor quanto aquela.” - Peter Singer. *Vida Ética. Os melhores ensaios do mais polêmico filósofo da atualidade*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002. (Este livro será debatido por alguns professores/as nos próximos números do IHU ON-line).

BONO – U2 - E O MOVIMENTO JUBILEU 2000

“O movimento Jubileu 2000 mostrou o que pode acontecer quando as forças se unem. Pessoas comuns do mundo todo expressaram as suas preocupações a respeito da injustiça econômica global – dívida externa injusta e impossível de ser paga – modificando desta maneira a política dos países industrializados no confronto com os países em vias de desenvolvimento.” – Bono, líder dos U2, no artigo *Contra a injustiça econômica global*, publicado no jornal *La Stampa* - 24-7-02.

“As pessoas, as comunidades e as sociedades precisam avançar mais, pois o que está em jogo é muita coisa, para que se possa optar pelo silêncio.” – Bono, líder dos U2, no artigo *Contra a injustiça econômica global*, publicado no jornal *La Stampa* - 24-7-02.

A RIQUEZA DAS NAÇÕES É O CARÁTER DAS PESSOAS

“Como nunca, é necessário que nos concentremos na melhoria das pessoas humanas que conferem ao Estado e às nações a sua riqueza e o seu caráter. Um genocídio começa com o assassinato de uma pessoa humana – não pelo que ela fez, mas por causa do que ela é. A pobreza inicia quando a uma única criança é negado o seu direito fundamental à educação.” – Kofi Annan, secretário-geral da ONU, em artigo no jornal *La Stampa* - 24-7-02.

A CRISE DO ‘NOVO’ CAPITALISMO

“A famosa ‘disciplina do mercado’ não funciona! Os acionistas e, sobretudo, os fundos de investimento, impelem as empresas a se conformar com as normas financeiras de curto prazo (a prática do *bench marking*). É o que leva os dirigentes da Enron, da WorldCom e da Vivendi a falsear suas contas para apresentar a qualquer preço os resultados esperados.” – Dominique Plihon, economista, professor da Universidade Paris-Norte e presidente do conselho científico da Attac. O seu último livro publicado intitula-se *Le Nouveau Capitalisme*. Paris: Flammarion, 2001. A frase é extraída do artigo *A crise do novo capitalismo*, publicado no jornal francês *Libération* - 17-7-02.

O CAPITALISMO É INCAPAZ DE SE AUTO-REGULAR

“O atual episódio confirma o que a história nos ensinou: o capitalismo é incapaz de se auto-regular e, deixado a ele mesmo, só traz desfuncionamentos maiores que sacrificam os assalariados e, mais geralmente, os povos mais fracos do mundo.” – Dominique Plihon, economista francês, no artigo *A crise do novo capitalismo*, *Libération* - 17-7-02.

A NECESSIDADE DE UMA NOVA CONCEPÇÃO DE EMPRESA

“Dois caminhos de reforma são primordiais. Em primeiro lugar, é preciso ter uma outra concepção de empresa. Ela deve ser definida, não como um ‘objeto’ que pertence aos acionistas, mas como uma ‘comunidade de interesses’ cuja finalidade não é de produzir lucros, mas de criar empregos e riqueza. Em segundo lugar, é necessário empreender reformas na desregulamentação excessiva das finanças. As suas atividades precisam ser delimitadas, reforçando o controle do Estado (principalmente por meio de um setor público forte), das

autoridades tutelares e instaurando instâncias públicas de controle que sejam eficazes em âmbito internacional.” — Dominique Pilhon, economista francês, no artigo *A crise do novo capitalismo*, *Libération* - 17-7-02.

OS RACIONAIS E O NEGRO DRAMA

“O dinheiro tira o homem da miséria mas não pode arrancar de dentro dele a favela” – da música Negro Drama, cantada no recém-lançado *Nada como um dia após o outro dia*, dos Racionais.

Eventos IHU

RIO+10

UM DEBATE EM MEMÓRIA DE JOSÉ LUTZENBERGER

No dia 8 de agosto, será realizado o painel *Rio+10: Um debate em memória de José Lutzenberger*. Serão painelistas: **Jacques Saldanha**, advogado, agrônomo e educador ambiental da Secretaria de Meio Ambiente de Porto Alegre; **Magda Renner**, graduada em Línguas Anglo-Germânicas e Didática (UFRGS) e membro do Núcleo dos Amigos da Terra; **Roberto Villar Belmonte**, jornalista e assessor de comunicação do *Programa Pró-Guaíba*; Prof. Ms. **João F. Larocca e Silva**, biólogo e professor do Centro 2. A Coordenação do painel será feita pelo Prof. Dr. **Inácio Neutzling**, Coordenador do Instituto Humanitas Unisinos.

Local: Auditório Central.

Hora: 20h às 22h.

Evento gratuito.

Do Rio a Johannesburgo Conscientização Crescente, Reação Arrastada

Por Gary Gardner

Dez anos após a Cúpula Mundial no Rio, as Nações Unidas irão novamente patrocinar uma reunião global, a Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, em Johannesburgo. A Cúpula Mundial proporciona aos líderes mundiais uma oportunidade histórica de um novo acordo para um mundo social, ambiental e economicamente sustentável – uma oportunidade que não podem deixar passar

A conscientização das ameaças aos ecossistemas da Terra aumentou desde o Rio, porém, em muitos casos, nossa reação a esta conscientização crescente tem sido muito lenta. Ainda estamos longe de acabar com a marginalização econômica e ambiental que aflige bilhões de pessoas. O abismo entre ricos e pobres se alarga em muitos países, solapando a estabilidade social e econômica, enquanto crescem as pressões sobre os sistemas naturais do mundo.

Este é o primeiro de uma série de boletins temáticos do Worldwatch Institute – Universidade Livre da Mata Atlântica - WWI-UMA a ser publicado até a Cúpula Mundial. Descreve lições-chave aprendidas durante a última década sobre desafios ambientais e sociais selecionados, metas estabelecidas para lidar

com estes desafios e avanços, quando existentes, na consecução destes objetivos.

O WWI está enfocando a agenda da Rio+10 como tema do seu relatório *Estado do Mundo 200*, recém-publicado.

MUDANÇA CLIMÁTICA

O que o mundo aprendeu: Em 1996, o painel científico formado pelas Nações Unidas divulgou que uma “influência humana perceptível” era evidente no clima mundial em transformação. Em 2001, o painel foi mais conclusivo: “a maioria do aquecimento observado durante os últimos 50 anos, provavelmente foi causada pelo aumento das concentrações de gases de estufa.”

Que metas foram estabelecidas: Na Rio-92, 170 nações concordaram em reduzir voluntariamente as emissões de gases de estufa para os níveis de 1990. Em meados da década, estavam em andamento negociações para reduções obrigatórias nas nações industrializadas, para 6-8% abaixo dos níveis de 1990, culminando com o Protocolo de Kyoto, em 1997. Enquanto isso, o painel climático da ONU declarou que a estabilização do clima exigiria reduções de emissões de 60-80%.

O que aconteceu: As emissões globais de carbono aumentaram 9%, entre 1992 e 2001. Nos Estados Unidos, cresceram 18%. A retirada dos Estados Unidos do Protocolo, em 2001, e a decisão do Presidente Bush, em 2002, de se valer apenas de medidas voluntárias de eficiência para o controle das emissões, provavelmente resultarão em maiores aumentos das emissões deste país, até 2010.

PERDAS DE ESPÉCIES

O que o mundo aprendeu: As pesquisas do “Livro Vermelho” da *World Conservation Union* revelaram em meados da década que 13% dos peixes, 11% dos mamíferos, 10% dos anfíbios, 8% dos répteis e 4% das aves, estavam sob risco imediato de extinção. Perdas de espécies, calculadas em 100 a 1000 vezes a taxa pré-industrial, levaram biólogos, na década de 90, a descreverem a era contemporânea como de extinção em massa, a primeira em 65 milhões de anos. Perturbação dos *habitats* foi citada como a causa principal dos declínios.

Que metas foram estabelecidas: Durante a década, 182 países se tornaram partes da Convenção sobre Diversidade Biológica, uma das maiores conquistas da Rio-92. Estes países se comprometeram a seguir as amplas diretrizes para proteção da biodiversidade e desenvolver estratégias nacionais para tal. Governos nacionais também assumiram compromissos individuais ao longo da década para a proteção de importantes *habitats*, especialmente florestas.

O que aconteceu: As duas fontes mais ricas de biodiversidade – florestas e bancos de coral – sofreram danos crescentes nos anos 90. A área florestal, conforme a Organização de Alimentos e Agricultura, contraiu em 2,2% na década (uma estimativa conservadora, pois inclui florestas plantadas, precárias em termos de habitat). E a área de bancos de coral, considerada como gravemente degradada, aumentou de 10% em 1992 para 27%, em 2000. Enquanto isso, apenas 38% das partes da Convenção de Biodiversidade apresentou estratégias nacionais de conservação.

ESCASSEZ HÍDRICA

O que o mundo aprendeu: Legisladores e ativistas começaram a questionar a alta dependência de barragens, canais de irrigação e outros grandes projetos de abastecimento de água. Em seu lugar, os pesquisadores desenvolveram o

conceito de gestão hídrica integrada, combinando a atenção à obtenção de suprimento com uma crescente eficiência hídrica, atendendo às necessidades básicas humanas e atribuindo à água seu devido valor cultural, econômico e ambiental.

Que metas foram estabelecidas: A Agenda 21, o plano de ação que emergiu da Rio-92, juntamente com as declarações das reuniões, em 1994 e 1998, da Comissão das Nações Unidas sobre Desenvolvimento Sustentável, recomendaram a adoção de uma gestão hídrica integrada e maior atenção às necessidades hídricas dos pobres.

O que aconteceu: Os avanços na garantia do acesso à água pura e saneamento foram impressionantes em termos absolutos, porém mal acompanharam o crescimento populacional; mais de 1,1 bilhão de pessoas ainda não dispõem de acesso à água potável. E a água ainda é largamente mal administrada; aquíferos, por exemplo, estão sendo exauridos nas principais regiões agrícolas, chegando a ponto de colocar em risco a produção sustentada de 10% da oferta mundial de grãos. Um número crescente de rios, incluindo o Amarelo, Indus, Ganges e Colorado, hoje seca em determinadas épocas do ano. E os planejadores hídricos em geral desconsideram valores ambientais, sociais e econômicos no seu planejamento, levando a desperdícios e degradação em larga escala.

MÁ NUTRIÇÃO

O que o mundo aprendeu: A má nutrição envolve mais do que carência de calorias: deficiência de vitaminas e minerais pode causar retardo mental, cegueira e outros problemas de desenvolvimento. E o consumo excessivo de açúcar e gordura, uma forma acelerada de má nutrição, leva à obesidade e aumento do risco de doença cardíaca, câncer, diabetes e outras enfermidades crônicas. Enquanto isso, os nutricionistas reconhecem que a fome, a forma mais aguda de má nutrição, é freqüentemente causada pela pobreza e não, simplesmente, pela insuficiência de abastecimento.

Que metas foram estabelecidas: Na Cúpula Mundial de Alimentação em Roma, em 1996, 185 países e a União Européia se comprometeram a reduzir pela metade o número de pessoas famintas, até 2015.

O que aconteceu: De acordo com o próprio levantamento da Organização de Alimentos e Agricultura, o número de famintos no mundo caiu 6 milhões por ano, desde a Cúpula de 1996, muito aquém da redução anual de 22 milhões, necessária para atingir o objetivo de 2015. Enquanto isso, cerca da metade dos adultos, em muitos países industrializados, está com excesso de peso, e muitas nações em desenvolvimento registraram aumentos substanciais na população acima do peso. Como consequência parcial, casos de diabetes quintuplicaram globalmente, para 150 milhões, entre 1985 e 2000.

DOENÇAS INFECCIOSAS

O que o mundo aprendeu: Boa saúde requer não apenas acesso a tratamento médico, mas também um meio ambiente natural e social robusto. Aproximadamente 80 por cento de todas as doenças nos países em desenvolvimento, por exemplo, advêm do consumo de água contaminada. Calcula-se, também, que a poluição atmosférica causa 5 por cento das mortes mundiais, anualmente.

Que metas foram estabelecidas: As metas da saúde, estabelecidas na Agenda 21, incluem acesso universal à água potável e saneamento, reduções de 50 a

70% de mortes por diarreia, e reduções de 95% nas mortes por sarampo, até 1995.

O que aconteceu: Mortes causadas por quatro das seis principais doenças infecciosas, inclusive diarreia e sarampo, caíram durante a década, embora muito abaixo dos níveis objetivos. Estes ganhos foram mais do que neutralizados pelo aumento sextuplo de mortes pela AIDS. Água e saneamento foram mais disponibilizados, como observado, porém mais de 1,1 bilhão de pessoas ainda não têm acesso à água pura e 2,4 bilhões à saneamento adequado.

EDUCAÇÃO

O que o mundo aprendeu: Ao longo da década, os pesquisadores demonstraram que educação era uma área de investimento de alta alavancagem, essencial à agenda para o desenvolvimento sustentável. Crianças que freqüentam escolas têm, em geral, melhores níveis de saúde e nutrição e menores taxas de pobreza, ao longo de sua existência. E moças instruídas provavelmente terão menos filhos e maiores oportunidades econômicas.

Que metas foram estabelecidas: Em 1990, 155 nações participantes da Conferência Mundial sobre Educação para Todos, patrocinada pela UNESCO, se comprometeram a proporcionar acesso universal à educação primária, reduzir pela metade a taxa de analfabetismo adulto até 2000 e acabar com a desigualdade de gênero na alfabetização. Um compromisso com a educação básica foi endossado em 10 outras conferências internacionais de grande importância durante a década de 90, inclusive a Rio-92.

O que aconteceu: O número global de crianças não-matriculadas caiu de 127 milhões em 1990, para 113 milhões em 1998, e a parcela global de adultos analfabetos também diminuiu, de 24,8% para 20,6%. Não obstante, estas conquistas estão muito aquém das metas estabelecidas em 1990: um em cada seis adultos ainda não sabe ler nem escrever, e o número de mulheres analfabetas aumentou ao longo da década.

POBREZA

O que o mundo aprendeu: O Banco Mundial e outras entidades internacionais adotaram uma definição de pobreza que vai além da carência de renda para incluir outros itens essenciais ao bem-estar da humanidade, especialmente saúde e educação. Mas, a renda, como medida da pobreza, ainda é relevante, e grave: 2,8 bilhões de pessoas vivem com menos de 2 dólares por dia.

Que metas foram estabelecidas: Os líderes mundiais se comprometeram a reduzir a pobreza e as disparidades agudas entre ricos e pobres. Em 1998, num relatório conjunto, a OCDE, Nações Unidas, Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial se comprometeram a reduzir pela metade a pobreza, até 2015, e a reduzir a mortalidade infantil e materna, entre outros objetivos. O que aconteceu: A parcela da população mundial que sobrevive com um dólar ou menos por dia, caiu de 29% em 1990, para 24% em 1998. Mesmo assim, 1,2 bilhão continua abaixo deste limiar. A mortalidade infantil entre crianças abaixo de 5 anos caiu de 86 mortes por 1000 crianças, em 1990, para 78 mortes em 1999. A desigualdade permaneceu como regra gritante: o bilhão mais rico recebe 78% da renda mundial. Em 1999, a mortalidade infantil foi mais de 19 vezes maior nos países de baixa renda em comparação às nações ricas.

ECONOMIAS DE USO E DESCARTE

O que o mundo aprendeu: O consumo global de metais, minerais, madeira, plástico e outros materiais aumentou cerca de 2,4 vezes, entre 1960 e 1995. A “pegada ecológica,” uma ferramenta conceitual, que surgiu em meados da década para fornecer uma medida aproximada do impacto ambiental do consumo de materiais, alimentos e combustível, demonstrou que seriam necessários três Planetas Terra para sustentar o mundo no nível de consumo americano.

Que metas foram estabelecidas: Um grupo crescente de pesquisadores propôs estratégias economicamente viáveis de redução do uso de materiais em até 90%, nos países industrializados. Sugestões criativas incluíram a coleta e reutilização de resíduos fabris, desenho de duráveis como copiadoras e automóveis para serem refabricados, responsabilizar perpetuamente os fabricantes pelos materiais que enviam para o mundo e, quando possível, atender as necessidades do consumidor com serviços como transporte de massa, ao invés de bens intensivos em materiais, como automóveis.

O que aconteceu: As taxas de reciclagem aumentaram para descartáveis domésticos em muitos países, porém estagnaram em 30-50% nos países industrializados. Declínios *per capita* no uso de materiais e em materiais necessários para gerar um dólar do PIB, foram animadores, porém o uso e extração total de materiais virgens continuam a crescer. Em 2001, foi concluído um tratado para eliminar o uso de 10 produtos químicos tóxicos de longa vida, e para reduzir as emissões de dois subprodutos industriais, porém ainda não entrou em vigor.

© Copyrights 2002, WWI-Worldwatch Institute / UMA-Universidade Livre da Mata Atlântica, todos os direitos reservados. Autorizada a reprodução total ou parcial, citando a fonte e o site www.wwiuma.org.br.

IHU Idéias

O *IHU Idéias* acontece todas as quintas-feiras, das 17h30min às 19h, na sala 1C103. Excepcionalmente, haverá um *IHU Idéias* especial na quarta-feira, dia 7/8.

1º DE AGOSTO

Aldem Bourscheit apresentará o tema *O impasse globalizado: a Rio+10 em Johannesburgo*.

Aldem nasceu em 12 de junho de 1973, em Porto Alegre. Formou-se em Comunicação Social- Jornalismo pela UNISINOS, em 2001. Atualmente, cursa Pós-graduação em Meio Ambiente, Economia e Sociedade na Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais. Desde 1995, Aldem realiza um trabalho voluntário na ONG ambientalista União Protetora do Ambiente Natural (UPAN) e é assessor de Imprensa da Associação Brasileira de Entidades Estaduais de Meio Ambiente (Abema).

7 DE AGOSTO

A profª Sinara Robin será a palestrante, juntamente com os/as acadêmicos/as que estiveram trabalhando no sertão sergipano, no mês de julho, do *IHU Idéias* especial, do dia 7 de agosto, e abordará o tema **Projeto UNISOL XINGÓ**.

8 DE AGOSTO

No dia 8, o assunto do IHU Idéias será *Preservação ambiental na bacia do Camaquã - Ciência e relações humanas* com o prof. Henrique Carlos Fensterseifer - UNISINOS. Henrique é graduado em História Natural pela UNISINOS, mestre em Geociências, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS e doutor em Área de Planejamento e Gestão Ambiental, pela Universidade de Léon, U.L., Espanha. Ele é coordenador de diversos projetos na Universidade, como o Projeto Antártica Unisinos; do Projeto Caracterização, Diagnóstico e Planejamento Ambiental da Bacia de Drenagem do rio Camaquã, RS e do Projeto Planejamento e Gestão Ambiental de Áreas com Características Ambientais Especiais da Bacia do Rio Camaquã, RS.

CICLO DE ESTUDOS SOBRE ALCA

O comitê sobre a Área de Livre Comércio das Américas (ALCA) do IHU está promovendo, como já foi informado no *IHU On-Line*, um *Ciclo de Estudos* sobre a participação do Brasil na ALCA. Confira a seguir dias, locais e palestrantes dos eventos.

DATA	TURNO	AUDITÓRIO	TEMA	Palestrante
12/08 segunda-feira	Noite 19h45min -22h	Central - C.1	ALCA e o papel do Estado	- Olívio Dutra - Ielbo Marcus Lobo de Souza – C.4
13/08 terça-feira	Manhã 8h45min - 11h	Central - C.1	ALCA e direitos humanos	- Luis Goulart - Rodrigo Stumpf Gonzalez -C.4
14/08 quarta-feira	manhã 8h45min - 11h	Sérgio Gomes - C.6	ALCA, meio ambiente e desenvolvimento sustentável	- Magda Renner - Heraldo Campos - C.6 - Demétrio Luis Guadagnin - C.2
14/08 quarta-feira	noite 19h45min -22h	Sérgio Gomes C.6	ALCA, tecnologias e dependências	- Renato de Oliveira – Secretário de Ciência e Tecnologia - Heloisa Jochims Reichel – PPGH - Renato Saul – PPGCSA
15/08 quinta-feira	noite 19h45min -22h	Centro 3	ALCA, mídia, informação e cidadania	- Daniel Herz - Valério Brittos - C.3 - Alberto Efendy

				Maldonado - C.3
16/08 sexta- feira	noite 19h45min -22h	Centro 4	ALCA e processos de integração e comércio	- Francisco Milanez - ECOFUND - Álvaro Garcia - C.5 - Elaine Ramos da Silva - C.4
22/08 quinta- feira	noite 19h45min -22h	Anfiteatro Pe. Werner	O Plebiscito, eleições presidenciais e a ALCA	Inácio Neutzling Milton Viário (coord.regional do Movimento contra ALCA)

PLEBISCITO NACIONAL SOBRE A ALCA

Recebemos e publicamos a seguinte carta do Setor Pastoral Social – CNBB sobre o Plebiscito sobre a ALCA. Para: Pastorais Sociais e Organismos, Regionais da CNBB, dióceses, paróquias e Entidades em geral

Amigos e amigas,

Como já é do conhecimento geral, a Campanha Jubileu Sul/Brasil está organizando um plebiscito nacional sobre a ALCA – Área de Livre Comércio das Américas, a realizar-se de 1º a 7 de setembro de 2002, juntamente com as mobilizações do Grito dos Excluídos.

O objetivo principal do Plebiscito é estender a toda população os debates em torno da ALCA, um assunto que atinge a todos os brasileiros e brasileiras. Entendemos que o povo tem o direito e o dever de discutir o tema e opinar sobre ele por meio de uma consulta popular.

Aliás, o Plebiscito sobre a ALCA dá continuidade às atividades da Campanha Jubileu Sul, como desdobramento do Grande Jubileu do ano 2000, proposto pelo Papa João Paulo II. Após a realização Plebiscito da Dívida Externa, prosseguimos a caminhada, na tentativa de apontar caminhos novos e solidários. O Plebiscito sobre a ALCA e o Grito dos Excluídos têm como lemas, respectivamente, *Soberania sim, Alca não!* e *Soberania não se negocia!* Com isso, fica claro que o pano de fundo dessa iniciativa conjunta é o tema da soberania nacional. Daí a importância de aprofundar os debates durante a Semana da Pátria, no sentido de questionar a independência formal e somar esforços na luta por uma independência real e efetiva, em que todo povo brasileiro possa ser consultado sobre questões que mexem com toda a sociedade.

De acordo com as entidades que coordenam o Plebiscito, as perguntas da cédula serão as seguintes:

- 1. O governo brasileiro deve assinar o tratado da ALCA?**
- 2. O governo brasileiro deve continuar participando das negociações da ALCA?**
- 3. O governo brasileiro deve entregar uma parte de nosso território – a Base de Alcântara – para controle militar dos Estados Unidos?**

Informamos, ainda, que Dom Jayme Henrique Chemello, presidente da CNBB, estará sendo entrevistado no programa Tribuna Independente, da Rede Vida, **no**

dia 23 de agosto de 2002, das 22:30 às 24:00h, sobre o tema do Plebiscito do Grito dos Excluídos.

Fazemos apelo a todos e todas no sentido de um grande mutirão nacional para que, a exemplo do Plebiscito de 2000, o máximo de pessoas possam acompanhar os debates e participar na votação.

Sem mais, bom trabalho e muita firmeza, pois *soberania não se negocia!*

Dom Jacyr F. Braido (Bispo responsável pelo Setor Pastoral Social/CNBB)



Nossa entrevistada relâmpago nesta edição é...



Águeda Bichels

Águeda Bichels trabalha no Setor de Teologia, Religiões e Pastoral. Advogada e esposa, Águeda partilha sua vida há seis anos com Celso, seu marido e companheiro de caminhada.

Inícios- Natural de Joinville, SC. Primeira de três irmãos, desde pequena morei em POA.

Em Joinville moravam meus avós, que foram para mim uma referência muito forte de vida, especialmente de vida cristã. Se eu conseguisse medir em porcentagem a felicidade deles, posso dizer que dez já me satisfariam.

Estudos- Formei-me em Direito na PUCRS, em 84. Também estudei Filosofia na UFRGS, mas não concluí o curso. Fiz especialização em Teoria do Conhecimento e Filosofia da Linguagem em 92, na UNISINOS; Especialização em Metodologia de Ensino Universitário, também na UNISINOS; Especialização em Direito Canônico, na PUCRS.

Pastoral Universitária- Em 79, na PUCRS conheci a Pastoral Universitária (PU), que passou a integrar o meu projeto de vida. Em 94, fui eleita assessora regional da PU e, em 99, assessora nacional, cargo que exerci até o ano passado.

Autor- Karl May, A. J.Cronin e Isaac Asimov.

Livro- *Winnetou*, de Karl May, que comecei a ler aos 10 anos. Esta obra me motivou a buscar novos conhecimentos.

Filme- *Jornada nas estrelas*, de James Goldstone.

Nas horas livres- Escrevo cartas, visito amigos e leio.

Referenciais de vida- Meus avós, Afonso e Hilda Kieper.

Um grande sonho- Que as pessoas se tornem verdadeiramente mais solidárias. Além disso, gostaria de estudar os hieróglifos para conhecer e poder entender a civilização egípcia.

Casamento- Foi durante um encontro de Pastoral Universitária, no Círculo Operário, em POA, no dia 12 de outubro de 96.

UNISINOS- Desde 89, estou lecionando na UNISINOS. Na sala de aula, me encontrei como pessoa, mas ainda tenho muito por descobrir.

IHU- Tenho muitas expectativas de que seja o coração que pulse dentro da Universidade.

Aniversariantes

No dia 30 de julho, completa mais uma ano de vida a nossa colega Rejane Machado. Rejane trabalha na secretaria do IHU. Ramal 1175.E-mail: rejane@poa.unisinos.br

Cartas do leitor

Amigos do IHU On Line.Gostaria de parabeniza-los pelo informativo do Instituto Humanitas que é maravilhoso e traz importantes contribuições a cerca da nossa realidade, constituindo-se em importante instrumento de informação e conscientização.

Um abraço

Janete Schubert

Estudante de Ciências Sociais na UFRGS e funcionária do Observatório do Trabalho- Secretaria do Trabalho, Cidadania e Assistência Social.

Envie sua opinião, pergunta ou sugestão.
Ocupe seu espaço no IHU On-Line, escrevendo a
Ihuinfo@poa.unisinos.br